

Relato sobre a primeira avaliação do curso de Medicina

Roni Duque

"No dia 19 de novembro de 2012, ocorreu o primeiro dia de aula do primeiro curso de Medicina de Governador Valadares. As expectativas eram muitas, foi uma festa. Pão e circo para todo lado. Choviam-se risos, esboçavam-se sorrisos, holofotes! "Ah! Agora tudo vai dar certo!". Jovens servidores, entre eles professores e técnicos, receberam a tarefa ingrata de acolher os e as estudantes sem sequer saber onde eles e elas iriam estar no dia seguinte. A Cúpula dos Barões estava presente, acenando, sorrindo e galardoando. Cochichavam-se palavras atravessadas, olhares inseguros, que escondiam o temor de uma série de perguntas que não tinham respostas. Uma maquete, uma promessa. "90 dias! 90 Dias!"

Pois bem, não foi necessária nem uma semana para descermos do ópio à abstinência. A fissura se transformou num mar de inquietações. O otimismo ficou camuflado pela retórica rasa e frágil de um Pai ou uma Mãe que tinha a obrigação de cuidar do filho. Romântico, mas sem sustentação concreta. Sem resultados. Migalhas. "90 dias! 90 dias!"

Eclode, então, o desejo de mudança. Ainda mobilizado por pretensões relativamente inocentes, dia 03 de maio de 2013, foi fundado o Primeiro Diretório Acadêmico do campus de Governador Valadares, Diretório Acadêmico Eduardo Henrique Beber (DAEHB), em homenagem ao primeiro Coordenador de Curso do Medicina, ainda não Médico, mas repleto de motivações sinceras, ora louvado, ora questionado. Assim, a febre do Movimento Estudantil instaurou-se com etiologia bem definida e com tratamento cirúrgico definitivo: mudanças e respeito. Outras lideranças surgiram, novos Diretórios e Centros Acadêmicos fundados.

No dia 25 de março de 2014, a primeira manifestação estudantil organizada (talvez a maior delas) materializou o sentimento comum de indignação da "plebe" sedenta por um novo horizonte. "Autonomia!". Tudo foi registrado (<https://www.youtube.com/watch?v=PbiGfmwVPs&t=171s>). A primeira Direção de campus foi anunciada num planejamento de 48 horas e uma indicação sobre estresse. Já deu para perceber que Pão e Circo não sustentava mais essa colônia. Surge, na consciência coletiva do campus, a necessidade de caminhar pelo suor do próprio trabalho na terra que lhe foi confiada para lavrar, cultivar e colher.

A estrutura e as raízes acadêmicas foram fundadas por muitos pioneiros. A primeira leva de bandeirantes concursados, doutores e mestres do (ainda) Departamento Básico de Saúde (hoje Departamento de Ciências da Vida) foi pedra angular de todos os cursos de Saúde. Respeito e admiração por todos e todas eles e elas, especialmente aqueles que ainda permaneceram e se tornaram idealizadores de Projetos, Programas e Ideias que circulam nesse “um pouco mais robusto” campus.

Ainda não havia docentes Médicos ou Médicas. 40 horas semanais, dedicação exclusiva, mestrado/doutorado, vida acadêmica, não interessava a maior parte. À exceção de um aventureiro, Dr. Vinícius Vieira. O único. Reduziram-se as exigências por pressão estudantil e docente. O primeiro aventureiro arrebanhou outros 04 colegas de profissão para apostar nesse projeto. Dois deles ainda permanecem apostando: Prof. Victor Masson e Prof. Paulo Bicalho. Diga-se de passagem, devem estar aliviados hoje.

Circunstâncias da Vida, que estamos longe de poder sondar, arrebatou o Prof. Vinícius Vieira e sua esposa desse projeto em Terra e de sua família carnal, mas a consciência coletiva de otimismo, dedicação e abnegação que ele semeou já estava enraizado no coração daqueles eram terreno fértil.

Paradoxalmente, o seu desencarne foi motivo de lágrimas amargas que adubou e acendeu nova chama ideias e comportamentos. “Mas será que vai dar certo?”. A criança, bem-educada por boas referências e por cicatrizes no corpo, começa a dar os primeiros passos seguros. Novos Mestres, Estudantes e Técnicos, Projetos de Pesquisa, Extensão, Iniciação Científica, Ligas Acadêmicas, Congressos, Simpósios, Jornadas, Projetos Sociais, Atléticoas, Ações Sociais e Manifestações Políticas Diversas. Uma identidade começa a se formar. É na fase da adolescência que o Ser passa estabelecer sua personalidade. Ainda assim, seu Pai ou sua Mãe não lhe deram o que comer segundo previsão regimental. Pelo contrário, operou-se uma sangria velada sobre números imaginários. Os gritos soam como pirraça e rebeldia e as exigências recebem corrigendas severas e injustas. Prepotência, vaidade e egoísmo.

Impérios caíram, Governos caíram, Diretores caíram. Coordenações, chefias e lideranças estudantis sobre estresse constante. Dúvida. Medo. Ilusões. “Será que vai dar certo?”; “Vai sim, vai sim!”. O adolescente precisa conviver em Sociedade, nos campos de prática

do serviço de Saúde, sua última fase antes da fase adulta. Seus antigos pais, de vez em quando, aparecem com fórmulas prontas, tentam repatriar o filho pródigo, estabelecem novas “Discussões de Relacionamento”. O filho, ciente de quem são, até dá um voto de confiança, mas o tempo lhe ensinou a trabalhar a depender o menos possível deles. Eles têm muito trabalho com a Casa Natal...

A presença do filho em terreno inexplorado, suas ideias e seu comportamento são vistos com certa estranheza, divide opiniões e levanta a poeira de antigos conchavos existentes na Rede de Saúde. Não havia cultura acadêmica pública Universitária. A Caixa preta, o “ninho de Marimbondos”. As Torres de Marfim (Academia e Serviço) não falam a mesma língua. “É preciso fazer uma ponte!”. Integração Ensino-Serviço-Comunidade. Contrato Organizativo de Ação Pública Ensino-Saúde (COAPES): o primeiro de Minas Gerais e referência Nacional. Novos pontos de tensão. Educação permanente. “Tem gente que ainda não respeita!”.

Felizmente, em terra de forasteiros, há aqueles que são sensíveis a causa. Acolhem os filhos e filhas “semi-órfãos”, estabelecem relações de confiança e respeito recíproco. Reconhecimento. Outros, porém, perplexos com a situação nova, permanecem indiferentes, objetores ou arredios. Nada impede, porém, que novos ares se estabeleçam. O clima agora é outro. A Jovialidade impulsiona novas ideias e dá novo combustível à máquina pública relativamente enferrujada. As engrenagens novas vão se tornando fundamentais e essenciais ao bom funcionamento desse serviço.

O Conselho Tutelar com data marcada, então, chega para avaliar a situação. O Jovem fica preocupado com a auditoria e com medo das consequências. O Conselho vê o jovem curso de Medicina adotado pela cidade, com raízes sólidas e sementes germinando, algumas delas já produzem frutos saborosos. Ele pergunta: “Muito bem! Onde está a sua Casa e seus pais?”. Ele responde: “Minha Casa está aqui! Meus pais não moram comigo desde que nasci, mas, de vez em quando, fazem uma visita rápida e trazem alguns presentes.”. Perplexo, o Conselho insiste: “Vocês fizeram isso sozinhos?”. “Sozinhos não! Contamos com a ajuda de nossos irmãos quase órfãos, os nativos bem-intencionados e alguns amigos da casa de nossos pais.”. Encantado com a desenvoltura daquele jovem, o Conselho Tutelar avalia a situação: “Estou admirado! Achei que viria aqui para levá-los! Mas vocês merecem Nota 4 (em 5) pelo que fizeram. Aprendi bastante com vocês”. Aliviado, o jovem curso de Medicina pergunta o que eles aprenderam aqui. “Que um curso

de Medicina é muito mais que muros e concretos.”

Longe de estar plenamente satisfeito com a real situação que nos encontramos e com os inúmeros desafios que ainda se apresentam, essa história mostra, sobre um ângulo pessoal, o poder da superação, do otimismo e do trabalho com energias bem direcionadas. Um trabalho em conjunto, com divergências e convergências, que tem resultado num produto sério e instigante.

No Dia 29 de maio de 2018 (ontem), nós fomos reconhecidos com NOTA 4 do Ministério da Educação (MEC) a despeito de todas as dificuldades Nacionais, Universitárias e Municipais, equiparando a Universidades tradicionalíssimas do Brasil e com infraestrutura de manequim. Se assim já está 04, imagina quando a infraestrutura chegar? A todos e todas, o meu muito obrigado! Avante! Somos GIGANTES!